



São Luís

Teixeira

UMA CRÔNICA AO POETA TRIBUZI

Nascido a 2 de fevereiro 1927, o poeta, escritor e jornalista Bandeira Tribuzi deixou sua dedicação às letras impressa na história recente do Maranhão. Filho do português Joaquim Pinheiro Ferreira Gomes e da maranhense Amélia Tribuzi Pinheiro Gomes (teve o codinome incorporado ao nome devido à predileção pela obra de Manuel Bandeira, a quem admirava), nasceu no Maranhão, mas seguiu para Portugal antes de completar três anos de idade.

Na terra natal do pai, freqüentou escolas nas cidades do Porto, Aveiro e Coimbra e por lá permaneceu até concluir sua formação superior. Formado em Filosofia e Ciências Econômicas e Sociais, Bandeira Tribuzi retornou a São Luís em 1946. Mesmo tendo a possibilidade de assumir um cargo na firma do pai, a sólida formação humanística o impeliu para outras paragens.

Influenciado por nomes como Sá-Carneiro, José Regio, Fernando Pessoa e Carlos Drummond de Andrade, além de Garcia Lorca, o poeta e escritor logo contagiaria sua geração com idéias novas. Não tardou para que o jovem poeta unisse em torno de sua figura um grupo de jovens amigos para discutir artes plástica, música e literatura.

Amigo e contemporâneo do escritor José Sarney, com o qual fundou o jornal **O Estado**, o escritor morreu no dia 8 de setembro de 1977, aos 50 anos. Data em que a cidade, a quem tanto amou e versejou, comemorava mais um aniversário.

Passados 25 anos da morte de Bandeira Tribuzi, o poeta continua vivo na lembrança de frutos dessa geração. E, como homenagem ao autor da marcha-rancho *Louvação a São Luís*, tomada como hino da cidade, **O Estado** publica a seguir, uma crônica, de autoria da viúva do poeta, Maria Tribuzi.

8/9/2003

OS VENTOS DO MAR EM TUA/TEU MEMÓRIA(L)

MARIA TRIBUZI

Vieram do oceano e alguns quebraram as ondas na praia e por lá ficaram. Outros passaram e trouxeram recados da Praia dos Lençóis e falaram que o Touro/Dom Sebastião se ausentara das noites de lua cheia, talvez por saber que Rosamonde se encantara e se encantara e se fora com seu criador.

Mas os ventos... Sim, os ventos varreram o desamor e abandono das mãos devedoras e, substituindo-as, puseram em seus lugares os vidros e aços que os seguravam, as luminárias, o nome na pedra violada, lamberam as penas que firmes ficaram, imunes ao desvario dos vândalos, a atestar elas, por si mesmas no seu simbolismo em concreto, serem as pás do operário da palavra que transformara em poesia tudo que tocara.

Ah! o milagreiro!

As sereias que lá dançavam em noites claras de lua e os tritões, embalados pelo canto dos botos e que enchiam o lugar de magia e encantamento, assustaram-se com a chegada dos ventos e voltaram à cabeça daquele que, certa vez, os suscitara.

Ah! o "Elefante Branco", a "Inutilidade", a

"Coisa Estapafúrdia"...

Agora tudo estava em seu lugar. Os jardins suspensos, garridos e balouçantes, o nome luzindo na pedra identificadora e as penas... ah! as penas: eretas, majestosas, símbolos da resistência de um forte que abandonado, assaltado, depredado pareciam dizer aos ventos

benfazejos: aqui estamos e aqui ficaremos até que vós – as forças vivas da natureza, vós – os ventos, a chuva, o sol, e o sal nos destruam. E isso, sabemos, não o fareis.

Ainda os ventos...

Rodopiaram, balançaram o mato seco, assoviaram as canções que ele fizera, segredaram palavras de esperança a uma tímida flor silvestre que sobrara e sopraram bem alto para que todos ouvissem:

"O infinito maior é o próprio Homem".

Porque a tua memória não é o concreto, os vidros, o aço, as luminárias, os jardins suspensos...

A tua memória é a tua poesia, teu amor por teu povo e tua terra. E isso, semeador da esperança, ninguém, vândalo algum destruirá nem hoje nem nunca,

Porque

"O pema não morre
o amor não morre".

